

# Natureza, ecologia e meio ambiente

## Uma reflexão sobre o impacto da “descoberta” da ecologia

JOANA APARECIDA FERNANDES SILVA\*

---

Resumo: Nesse artigo pretende-se refletir sobre a “descoberta” do Pantanal mato-grossense enquanto um espaço que passa a receber inúmeras significações, tais como “paraíso da natureza” e “santuário ecológico”, especialmente ligadas ao crescimento da indústria do turismo ecológico. Há uma discussão breve das noções de ecologia, de meio ambiente e de natureza, procurando desnaturalizar estes conceitos. A importância aqui reside na compreensão de que ocorrem processos culturais na relação do homem com seu meio e de retirar a naturalidade da natureza. Aliás, há uma correspondência conceitual entre natureza e meio ambiente, sendo ambos, contemporaneamente, percebidos como sinônimos.

Palavras-chave: natureza; ambiente; processos culturais; ecologia.

---

Pierre Bourdieu recomenda que, antes de se iniciar uma pesquisa sociológica, os conceitos utilizados devem ser historiados e repensados. Como cada objeto de pesquisa é único, necessariamente os conceitos devem passar por um trabalho de “reinvenção”, com o cuidado de que conceitos e a análise resultantes da investigação empírica não façam parte do senso comum. Isto porque, de acordo com Bourdieu, há uma tendência em tomar como problemas sociológicos os problemas sociais, quando o que deveria ser feito, para que houvesse a possibilidade de uma construção científica do objeto, seria problematizar os conceitos, mesmo criá-los, para que seja (fosse) rompida a identidade entre problema social e problema sociológico. Neste sentido, gostaria de pensar um pouco na descoberta do Pantanal mato-grossense enquanto um espaço que passa a receber inúmeras significações, após a onda ecológica, porém antes discutindo brevemente as noções de ecologia, de meio ambiente e de natureza.

Meio ambiente foi conceituado por Darwin como tudo que está fora do organismo e que exerce uma influência sobre ele. O meio ambiente compreende o meio orgânico e o inorgânico.

Reigota define meio ambiente como:

o lugar determinado ou percebido, onde elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído. (Reigota, 1995, p. 14)

O avanço com relação ao que a biologia e a ecologia mais clássica viram como meio ambiente foi perceber que existem relações entre meio e homem, entre elementos da natureza e da cultura. A importância aqui reside na compreensão de que ocorrem processos culturais na relação do homem com seu meio e de retirar a naturalidade da natureza. Aliás, há uma correspondência conceitual entre natureza e meio ambiente, ambos sendo, muitas vezes, percebidos como sinônimos.

---

\* Professora do Departamento de Antropologia/ICHS/UFMT.

Considero, então, que meio ambiente e natureza, em termos conceituais e da representação que recebem contemporaneamente em nossa sociedade, são correspondentes e a ação humana é de fundamental importância, tanto no sentido de imprimir significados ao espaço, como no sentido de trabalhá-lo de acordo com a lente com a qual cada grupo humano compreende e elabora as noções de meio ambiente e de natureza e que investe seu trabalho. Em outras palavras, meio ambiente será sempre compreendido como Darwin o compreendeu, porém com a complementação da ação antrópica e de significados atribuídos ao “natural” e à natureza.

Enquanto natureza e meio ambiente confundem-se, o termo ecologia receberá, a partir da década de 1960, e mais especialmente da de 1970, um outro significado. Ecologia, que era até então uma ramificação da biologia, uma disciplina com várias áreas e especialidades científicas desenvolvidas dentro das universidades e até de laboratórios, passa a ser sinônimo de preocupação preservacionista, bandeira de luta pelo meio ambiente. Ecologista, atualmente, é o que defende o equilíbrio ecológico, não quem estuda ecologia.

Talvez a ecologia possa significar, a partir daí, um fato social total, de acordo com a definição durkheimiana.<sup>1</sup> De uma maneira impressionante, o preservacionismo ambiental passa a recortar as preocupações da política ambiental de vários países, da política institucional e da sociedade civil, a preocupação com o futuro da humanidade, da terra, com a poluição, com a finitude das reservas energéticas, com a agricultura, enfim, quase todos os aspectos da vida dos seres humanos do planeta passam pelo viés ambiental, pela crítica ou pelo preservacionismo. É o que Alphonse et al. chamam de sensibilidade ecológica.<sup>2</sup>

A ecologia passa a ser um movimento social que envolve vários segmentos da sociedade que

se mobilizam por causas muito diferentes: a matança de baleias, o combustível finito do Oriente Médio, a poluição dos mares, as andorinhas do interior de São Paulo, o lixo atômico no Japão... enfim, uma sensibilidade nova, preocupada com a continuidade da vida e com a saúde das águas e da terra, comove, motiva as pessoas. Mas não modifica comportamentos, principalmente das principais fontes depredadoras, grandes multinacionais e países do Primeiro Mundo. Contra quem então volta-se esta maré preservacionista? Contra justamente aquelas populações, ou grupos que vivem em regiões consideradas preservadas. Um novo estatuto é dado àquelas populações que vivem imemorialmente em suas terras.

O que é “natureza” para os preservacionistas, ou turistas em férias, para os moradores é o meio de onde retiram sua sobrevivência, seu sustento; é um espaço de reprodução social, muitas vezes usado milenarmente. Os índios, por exemplo, passam a ser execrados se vendem madeira de seus territórios, ou se fazem acordo monetário com fazendeiros para que passe uma estrada em suas terras; camponeses começam a ser vítimas da fiscalização do Ibama e da Federação de Meio Ambiente (Fema) se fazem queimadas para plantarem suas roças; pescadores são vigiados, sob a alegação de preservação de estoques piscívoros. Enfim, populações tradicionais e as sociedades indígenas passam a ser vigiadas mais atentamente, e mais legitimamente, em nome do “equilíbrio ecológico” e da preservação ambiental. Pela fragilidade institucional e política que lhes é própria, são alvo mais fácil de políticas oficiais de controle da qualidade ambiental. Com isto, há uma resposta institucional por parte do governo para a população – e até para organismos internacionais – de que concretamente são entabuladas ações de proteção ao ambiente.

A universidade e o sistema de ensino também foram “contagiados” pela preocupação ambiental: novos conteúdos são adicionados para complementar o currículo dos alunos de primeiro e segundo graus. Novos cursos em nível de pós-graduação são criados. Os financiamentos para países mais pobres são condicionados, pelas fontes pagadoras, ao compromisso de proteção ambiental. Pesquisas são desenvol-

1. Fato social, de acordo com Durkheim, “são maneiras de pensar, sentir e agir, que são exteriores ao indivíduo e se impõem coercitivamente”. O fato social total tem a característica de abranger muitos aspectos da sociedade e de atingir um grande número de indivíduos (Durkheim, 1973).

2. Os autores fazem uma reflexão do maior interesse a respeito de como a ecologia, ou o interesse ambiental, é apropriada por diferentes grupos políticos e com os mais distintos propósitos.

vidas com o apoio de órgãos que financiam a área ligada à ecologia e ao meio ambiente. Enfim, a sensibilidade ecológica abre um enorme espaço (e verbas significativamente polpudas) para os interesses e atividades ligados ao ambiente. Sem falar na eclosão de organizações não-governamentais, com vocação ecológica, seja de estudos ou preservacionista, ou ambas.

Enfim, o meio ambiente ganha uma vida e um significado até então inimaginados.

Movimentando enormes somas de dinheiro, legitimando a ingerência de países do Primeiro Mundo sobre a política de nações dependentes, a "ecologia" e o meio ambiente imprimem matizes novos em políticas internacionais e globalizam preocupações e posturas perante o mesmo fenômeno. Salienta-se, porém, que a "ecologia" pode ser uma nova modalidade de controle social sobre países e/ou segmentos de população mais pobres, uma vez que as políticas preservacionistas em muito pouco modificam o comportamento dos grandes agentes poluidores e em muito conseguem controlar a vida dos que vivem de maneiras distintas daquelas consagradas pelo capital.

Um exemplo dessa condenação de grupos tradicionais ocorreu na década de 1970, com o surgimento do interesse por lugares "intocados" e paradisíacos, quando inúmeras comunidades de pescadores do litoral norte de São Paulo foram expulsos de suas terras para dar lugar a empreendimentos imobiliários de alto luxo. Ao longo da Rodovia Rio-Santos, inúmeras comunidades de pescadores, que mantinham um padrão de uso comunal da terra e do mar, foram atingidos pela valorização imobiliária; a comunidade de Trindade transformou-se em um caso paradigmático de resistência à invasão, sem ter conseguido manter suas terras.

Diegues (1994) observa que essas comunidades tradicionais também foram atingidas pela criação de áreas de proteção ambiental – parques nacionais, reservas ecológicas, por exemplo –, em especial a partir da década de 1960, quando porções relativamente intactas da Mata Atlântica despertaram a necessidade de uma política preservacionista. O problema, de acordo com Diegues, é que o modelo adotado no Brasil, para a criação de parques e reservas, segue o modelo americano, que não permite a

presença de seres humanos que exerçam atividades econômicas. Ele ainda salienta que, naqueles casos em que a política preservacionista protegeu moradores da especulação imobiliária, em contrapartida, os moradores foram proibidos de dar continuidade a suas atividades produtivas, o que, da mesma maneira, os obrigou a migrar para favelas de cidades costeiras, tais como Cananéia, Parati, Ubatuba e Santos (Diegues, 1994, p. 119).

Em Mato Grosso, como resultado da criação da Estação Ecológica da Serra das Araras, cerca de 17 famílias foram expulsas (idem, *ibidem*, p.128). Outros conflitos e expulsões poderiam ser listados aqui com problemas do mesmo teor. Há, porém, aparentemente, uma exceção, a da Estação Ecológica Mamirauá (EEM), com 1.124.000 hectares, criada com o objetivo de proteger uma grande parte das áreas alagáveis entre os Rios Japurá e Solimões. Nessa região, vivem cerca de 4.500 ribeirinhos, organizados em 50 comunidades, que receberam a permissão de continuar vivendo e retirando sua subsistência dessa área, pois a organização não-governamental que administra os percebeu como responsáveis pela preservação da biodiversidade dos domínios da estação (idem, *ibidem*).

Diegues também nota que o ideário da criação de parques e reservas ambientais foi importado dos Estados Unidos, que, além de conceber o homem como essencialmente destruidor do ambiente – daí a necessidade de expulsar as populações que historicamente ocuparam as áreas que passam a ser de proteção ambiental e gerenciadas pelo Estado –, enxerga a natureza como algo passível de ser contemplado, alimento para a alma, lugar de repouso para os que sofrem as mazelas de uma vida agitada própria à civilização. Pedacos da natureza devem ser "salvos" para proporcionar prazer aos voyeurs civilizados.

## O Pantanal

O interesse da população e da mídia pelo Pantanal desperta por volta de finais dos anos 80. Cerca de vinte anos mais tarde, com relação à Europa, uma sensibilidade ecológica regional surge. Em Mato Grosso, mais especificamente

em Cuiabá, a Chapada dos Guimarães, em primeiro lugar, e o Pantanal, depois, começam a surgir preocupações preservacionistas, sobretudo de artistas plásticos, mas também de estudantes e intelectuais regionais. Um deles, Bené Fonteles, de vez em quando enchia sacos e sacos de lixo, deixados por turistas nos fins de semana, e os derramava em uma praça central de Cuiabá, como uma maneira de despertar a consciência da necessidade de preservar, de cuidar do ambiente.

Colada à sensibilidade ecológica, surge o turismo ecológico, pelo qual as pessoas são atraídas para lugares consagrados como “paraísos da natureza”, por vezes em massa. Com o turismo ecológico, aqueles locais preservados pela falta de uso ou, na maioria das vezes, pelos usos da população local, passam como que a serem assaltados por turistas sedentos de diversão e de entretenimento, de “contato com a natureza”. Geralmente, eles levam a depredação, a poluição e o lixo não-degradável – latas de cerveja e de refrigerantes, embalagens plásticas, garrafas etc.

Há um esforço por parte do governo estadual em incrementar esse tipo de turismo no Pantanal, que, nesse caso, só pode ser caro e pouco acessível para os que praticam um turismo similar ao dos chamados “farofeiros” do litoral paulista, os freqüentadores da Chapada dos Guimarães, onde o turismo é mais rápido e episódico, ocorrendo principalmente em finais de semana e feriados.

Há, desde o início dos anos 90, uma crescente expansão da rede hoteleira no Pantanal mato-grossense. São pousadas que oferecem quarto, refeições, guias turísticos e barcos a motor para deslocamento nas áreas alagáveis, rios e baías, que geralmente absorvem mão-de-obra local. Problemas com esse tipo de atividade surgem freqüentemente, porém não são divulgados. Um exemplo importante provém dos resultados de um passeio extremamente apreciado e obrigatório nos roteiros das pousadas, que é a visita em ninhais. Alguns biólogos da UFMT estão tentando obstar essa atividade porque, com a aproximação dos barcos, milhares de aves pousadas em árvores assustam-se com o ruído do motor e com o

barulho dos turistas, e tendem a sair em debandada. Esse revoar, que faz o encanto dos visitantes, na verdade um belo espetáculo, provoca a quebra de ovos e o esmagamento ou abandono dos filhotes que estão nos ninhos. A intensificação do turismo ecológico provavelmente poderá comprometer a população de aves do Pantanal.

Köhnlein (1994) faz uma diferenciação entre turismo endógeno – com fluxo regional e local, tal qual o praticado na Chapada dos Guimarães – e o exógeno – com fluxo nacional e internacional, que ocorre sobretudo no Pantanal. As atividades turísticas assumem quatro qualidades distintas que podem complementar-se: o safári fotográfico, excursões site-seeing, pesca turística e lazer de fins de semana, ou simplesmente recreação.

Estradas abertas para facilitar o fluxo de turistas também trazem efeitos deletérios para o equilíbrio ecológico mais amplo. Aterros represam o movimento das águas durante as cheias e alteram rotas ou impedem migrações de peixes.

A sensibilidade ecológica desperta a atenção e redefine o significado e o simbolismo de extensas regiões. O “selvagem” de antes, o “inóspito”, o atrasado e “à margem da civilização”, transforma-se em “paraíso intocado”, em “natureza”. Novos significados surgem e novas leituras são feitas do ambiente. O Pantanal de Mato Grosso, anteriormente a essa consciência, significava grandes fazendas de gado em lugares por vezes considerados bonitos, que ficavam parcialmente submersas durante um bom período do ano. Enfim, território de bois. Outra imagem recorrente é aquela de animais em grande quantidade – onças, jacarés e garças povoam parte do imaginário do Pantanal. Basta dar uma breve examinada na produção de imagens pantaneiras nas telas de artistas regionais para comprovar isto. A parte humanizada do Pantanal seria aquela povoada por bois; a presença humana é apenas acessória à do gado, os homens existem “atrás” dos bois.

Contemporaneamente, o Pantanal não chega a perder completamente essa conotação, mas ganha os adjetivos de “beleza natural”, de “paraíso” e similares. Diégues classifica essa procura e valorização como “neomito”, no qual

A concepção de áreas naturais protegidas enquanto natureza selvagem parece ser um desses neomitos. Nela parece operar uma simbiose entre o pensamento racional e o mitológico. Nesse conjunto de representações sobre o mundo natural – intocado e intocável – existem elementos claros que reportam ao pensamento empírico-racional [...] por outro lado, existem nesse neomito elementos míticos claros que reportam à idéia de paraíso perdido, da beleza primitiva da natureza anterior à intervenção humana, da exuberância do mundo natural que leva o homem urbanizado a apreciar o belo, o harmonioso, a paz interior proveniente da admiração da paisagem intocada. (Diegues, 1994, p. 51)

Talvez coubesse alguma objeção à idéia de neomito, e fosse mais adequada a concepção de mito moderno ressurgente, desde que permanecesse a busca do paraíso perdido. Mas parece que há algo de diferenciado nessa contemplação das “belezas da natureza”, e este algo é novo, o que significa que a natureza saiu de seu estatuto de selvageria para passar a ser mais um bem de consumo. O mito do paraíso apenas avaliza a necessidade de consumi-lo, com uma mídia e com governos – interessados na sua promoção.

Mimoso entra nesse contexto de uma forma secundária, pelo menos até este momento, eventualmente oferecendo trabalhadores para o turismo.<sup>3</sup> Possivelmente esse papel secundário não deverá durar muito tempo, porque a região faz limite com a Baía de Chacororé, local importante para os passeios de barco. Além disso, a área permanentemente alagada é objeto de alguns planos para sua drenagem; a área liberada, de acordo com um projeto, transformar-se-ia em uma reserva ambiental ou em local para visitação turística.

Mimoso não deixa de refletir um processo mais global de valorização capitalista de áreas antes marginalizadas do mercado imobiliário e dos signos de status, que passam a fazer parte de uma região com turismo caro e, de alguma

maneira, sofisticado, merecedora de receber delegações de turistas estrangeiros – alemães, japoneses e americanos, principalmente –, de grupos de escoteiros, casais em lua-de-mel, grupos de amigos que vivem em grandes centros urbanos etc.<sup>4</sup>

Todos à procura da “natureza”. Ficar perto dela, desfrutá-la. A terra passa a ser chamada de mãe, de Gaia, de planeta; terra (solo) e terra (planeta) passam a confundir-se e o sentido mais forte passa a ser o de planeta. A natureza antes afastada, algo a ser dominado, domesticado, afastado, conhece seu reverso. O prestígio, a valorização enquanto capital, quanto menos marca tiver da ação humana, melhor. É quase como se fosse possível engarrafar a natureza para que ela pudesse ser consumida.

Aliás, a natureza passa a ser um item a mais de consumo, com o detalhe de ser consumo sofisticado. Como é caro, é temporário, é curto, resume-se às férias, a um feriado mais prolongado. O consumidor do turismo ecológico no Pantanal é, com certeza, aquele cidadão que leva uma vida completamente urbana e completamente rodeado de mercadorias que promovem a automação de sua vida. O homem fez as pazes com a natureza. Desde que ela esteja longe dele.

Por outro lado, para os mimoseanos, uma comunidade de pantaneiros, pantanal é um conceito destinado a nominar as áreas alagáveis e sempre com localizações mais precisas; seriam microrregiões dentro de uma unidade significativa maior: o sítio, a sesmaria, a fazenda. Quando ele se refere a uma área alagável ele pode dizer, o “pantanal de mimoso”, o “pantanal de x”, o “pantanal de y”.

Ecozona, de acordo com Posey (1986, p. 17), é uma “área ecológica reconhecida em outros sistemas culturais”. Dessa perspectiva, os pantaneiros distinguiriam o “pantanal”, ou pantanais, como uma das várias ecozonas que reconhecem, tais como largo, morraria, fralda etc. Essas ecozonas foram identificadas por Da Silva e Silva (1995) entre os pantaneiros de Mimoso, no município de Santo Antonio de Leverger, e apontam claramente para uma

3. Em julho de 95, a Pousada do Rio Mutum, que fica a cerca de 10 km de Mimoso, e é apenas acessível, por terra, passando por dentro de Mimoso, tinha um garçom e um pedreiro mimoseanos trabalhando lá. Eles estavam achando boa a oportunidade de poder “receber um dinheirinho”.

4. Aqui a sofisticação reside na “simplicidade”, comida regional, contato com ar puro, com a natureza etc.

leitura diferenciada de seu espaço. Outras leituras e interpretações desse mesmo espaço estão à espera de serem identificadas por pesquisadores, na medida em que o que é conhecido genericamente por Pantanal, como uma zona ecológica uniforme, é, na realidade, um conjunto de sistemas ecológicos, bastante diferenciados entre si, que são dependentes do sistema hidrológico dos rios da bacia do Rio Paraguai, com destaque para a importância do Rio Cuiabá, no sistema de inundações periódicas. A essa diversidade biológica, corresponde uma diversidade de formas de vidas e de organizações sociais que em grande parte ainda não foram estudados. Da Silva e Silva (1995) afirmaram que, entre estes, estão os ribeirinhos, que praticam agricultura de várzea e vivem da pesca artesanal, comercialmente ou não, comunidades remanescentes de antigas sesmarias, tais como a de Mimoso, comunidades indígenas – tais como os Bororo e os Guató –, remanescentes de quilombos e, finalmente, os criadores de gado, ou fazendeiros, considerados tradicionais, que praticam uma pecuária adaptada ao ritmo das águas do Pantanal e voltada para a comercialização.<sup>5</sup> As autoras observaram que as pastagens no Pantanal, por exemplo, e especialmente em Mimoso, que são consideradas naturais, apenas continuam existindo em razão de uma constante ação antrópica de limpeza de vegetação considerada invasora e sem utilidade, ou nociva ao gado.

São todos esses grupos que vivem no Pantanal, formas diferenciadas de ocupação e de percepção do espaço e da natureza. Com certeza, todos eles percebem a natureza a sua volta como algo, que além de ser contemplado, é trabalhado, desenhado e ressignificado por sua história, seu trabalho e sua presença na região.

---

Abstract: This paper aims to discuss "discovery" of the Pantanal Mato-Grossense as a space that begins to receive several meanings like "nature's paradise", "ecological sanctuary", mainly after the growth of ecological tourism industry. There is, in this paper, a quick discussion about, ecology, environment and nature, trying to demystify those concepts. The importance of these discussion is based upon the understanding that occurs cultural processes between man and environment, if we do not recognize that we may remove the naturality of nature. Nowadays there is a conceptual understanding between nature and environment, both seen as if they were synonymous.

Key-words: nature; environment; cultural processes; ecology.

---

#### Referências

- ALPHANDERY, Pierre et al.. O equívoco ecológico – Riscos políticos. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- BLUMENSCHNEIN, M.; NEUBURGER, M.; REMPPIS, M. O espaço rural na Bacia do Alto Rio Paraguai – Transformações sócio-espaciais. UFMT, NERU, Cuiabá: Tübingen, 1996
- DASILVA, C.J. e SILVA, J. A. F. No ritmo das águas do Pantanal. São Paulo: Nupaub – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP, 1995.
- DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Nupaub – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP, 1994.
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. São Paulo: Editora Abril, 1973. [Os Pensadores]
- KÖHNLEIN, Klaus. Setor turístico na Bacia do Alto Rio Paraguai. Cuiabá: Tübingen, 1994 (Neru, UFMT).
- REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

RECEBIDO EM FEVEREIRO DE 2004  
APROVADO EM ABRIL DE 2004

---

<sup>5</sup> Blumenschein et al. (1996) observaram o declínio da pecuária tradicional no Pantanal, em função do surgimento, entre outros motivos, de um sistema pecuário mais moderno; em outros termos, parece estar havendo uma tendência de grandes pressões aos tradicionais criadores de gado, por parte de empresas agropecuárias com grande capacidade de investimento de capital e que vêm crescentemente se instalando no Pantanal.